

ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES DOS COLEGAS DE TURMA SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS NAS ESCOLAS BÁSICAS DA CIDADE DE LICHINGA

ANALYSIS OF CLASSMATES' PERCEPTIONS ON THE SCHOOL INCLUSION OF CHILDREN WITH SPECIAL EDUCATIONAL NEEDS IN ELEMENTARY SCHOOLS IN THE CITY OF LICHINGA

ANÁLISIS DE LAS PERCEPCIONES DE LOS COMPAÑEROS DE CLASE SOBRE LA INCLUSIÓN ESCOLAR DE NIÑOS CON NECESIDADES EDUCATIVAS ESPECIALES EN LAS ESCUELAS PRIMARIAS DE LA CIUDAD DE LICHINGA

Arminda Augusta António¹ 0009-0006-8189-4764
Leonete Guilhermina Ferrão Fernandes² 0009-0000-1358-0284
Momade Raúl Suquia³ 0000-0002-6686-9433
Agostinho Rosário Teimoso⁴ 0000-0001-5566-2958

¹Universidade Rovuma – Instituto Superior de Desenvolvimento Rural e Biociências, Lichinga, Niassa, Moçambique; armindaantonio326@gmail.com

²Universidade Rovuma – Instituto Superior de Desenvolvimento Rural e Biociências, Lichinga, Niassa, Moçambique; leonetv@gmail.com

³Universidade Rovuma – Instituto Superior de Desenvolvimento Rural e Biociências, Lichinga, Niassa, Moçambique; momadesuquiaa@gmail.com

⁴Escola Secundária Geral de Mandimba - Niassa, Moçambique; agostinhoteimosorosario@gmail.com

RESUMO:

Este artigo analisa as percepções dos colegas de turma sobre a inclusão de crianças com Necessidades Educativas Especiais numa das Escolas da Cidade de Lichinga. Especificamente, a investigação buscou a) Identificar as percepções manifestadas pelos colegas em relação à presença e participação de alunos com necessidades especiais; b) Examinar os factores que influenciam a aceitação, convivência e interação entre alunos com e sem necessidades educativas especiais no contexto escolar. Para isso, adoptou-se uma abordagem qualitativa, de carácter bibliográfico e indutivo, envolvendo oito (08) participantes: quatro (04) alunos codificados pela letra A1 a A4 e quatro (04), professores indicados pela letra P1 a P4, seleccionados pela amostragem intencional. Utilizou-a entrevista semiestruturada como técnicas de recolha de dados. O método de procedimentos adoptado é o bibliográfico. Os resultados mostram que os colegas de turma têm, em geral, percepções positivas sobre a inclusão de crianças com NEE. Conclui-se, contudo, A inclusão escolar de crianças com NEE

nas escolas básicas de Lichinga é percebida de forma positiva pelos colegas, especialmente quando há apoio pedagógico e sensibilização. A convivência é favorecida por práticas colaborativas, formação docente e valorização da diversidade.

Palavras-chave: inclusão; necessidades educativas especiais; percepções dos colegas.

ABSTRACT:

This article analyzes classmates' perceptions of the inclusion of children with special educational needs in a school in the city of Lichinga. Specifically, the research sought to a) Identify the perceptions expressed by classmates regarding the presence and participation of students with special needs; b) Examine the factors that influence the acceptance, coexistence, and interaction between students with and without special educational needs in the school context. To this end, a qualitative, bibliographic, and inductive approach was adopted, involving eight (08) participants: four (04) students coded by the letters A1 to A4 and four (04) teachers indicated by the letters P1 to P4, selected through purposive sampling. Semi-structured interviews were used as data collection techniques. The procedural method adopted was bibliographic. The results show that classmates have, in general, positive perceptions of the inclusion of children with SEN. However, it can be concluded that the inclusion of children with special educational needs in Lichinga's elementary schools is perceived positively by their peers, especially when there is pedagogical support and awareness-raising. Coexistence is fostered by collaborative practices, teacher training, and appreciation of diversity.

Keywords: inclusion; special educational needs; peer perceptions.

RESUMEN:

Este artículo analiza las percepciones de los compañeros de clase sobre la inclusión de niños con necesidades educativas especiales en una escuela en la ciudad de Lichinga. Específicamente, la investigación buscó a) Identificar las percepciones expresadas por los compañeros de clase sobre la presencia y participación de estudiantes con necesidades educativas especiales; b) Examinar los factores que influyen en la aceptación, convivencia e interacción entre estudiantes con y sin necesidades educativas especiales en el contexto escolar. Para ello, se adoptó un enfoque cualitativo, bibliográfico e inductivo, involucrando a ocho (08) participantes: cuatro (04) estudiantes codificados por las letras A1 a A4 y cuatro (04) docentes indicados por las letras P1 a P4, seleccionados mediante muestreo intencional. Se utilizaron entrevistas semiestructuradas como técnicas de recolección de datos. El método procedimental adoptado fue bibliográfico. Los resultados muestran que los compañeros de clase tienen, en general, percepciones positivas sobre la inclusión de niños con NEE. Sin embargo, se puede concluir que la inclusión de niños con necesidades educativas especiales en las escuelas primarias de Lichinga es percibida positivamente por sus pares, especialmente cuando existe apoyo pedagógico y sensibilización. Esta convivencia se fomenta mediante prácticas colaborativas, la formación docente y la valoración de la diversidad.

Palabras clave: inclusión; necesidades educativas especiales; percepciones de los pares.

Introdução

A inclusão escolar tem sido um dos maiores desafios e, ao mesmo tempo, um dos principais objectivos das políticas educacionais contemporâneas. Garantir que todas as

crianças, independentemente das suas condições físicas, cognitivas ou sociais, tenham acesso à educação de qualidade é um passo essencial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

No contexto da cidade de Lichinga, província do Niassa, as escolas básicas enfrentam desafios significativos no processo de inclusão escolar de crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE). Apesar dos avanços nas políticas educacionais e nos discursos em prol da educação inclusiva, ainda persistem dificuldades relacionadas à aceitação, convivência e interação entre os alunos com e sem deficiência. Esta realidade levanta a seguinte questão de pesquisa: quais são as percepções dos colegas de turma sobre a inclusão escolar de crianças com Necessidades Educativas Especiais nas escolas básicas da cidade de Lichinga?

A escolha deste tema justifica-se por razões educacionais e sociais. No âmbito educacional, compreender as percepções dos colegas de turma acerca da inclusão escolar de crianças com necessidades educativas especiais é fundamental para promover práticas pedagógicas mais inclusivas e ambientes de aprendizagem mais acolhedores nas escolas básicas da cidade de Lichinga. Do ponto de vista social, esta investigação procura contribuir para o fortalecimento da consciência coletiva sobre a importância da aceitação, empatia e valorização da diversidade no contexto escolar, factores essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

A presente investigação tem como propósito compreender as percepções dos colegas de turma sobre a inclusão escolar de crianças com necessidades educativas especiais nas escolas básicas da cidade de Lichinga. Neste sentido, os objetivos foram delineados de forma a orientar a análise e permitir respostas consistentes à questão de pesquisa. Assim, o objectivo geral do estudo consiste em analisar as percepções dos colegas de turma acerca da inclusão escolar de crianças com necessidades educativas especiais nas escolas básicas da cidade de Lichinga. De forma específica, o estudo tem como objetivos: a) Identificar as percepções manifestadas pelos colegas em relação à presença e participação de alunos com necessidades especiais;

b) Examinar os factores que influenciam a aceitação, convivência e interação entre alunos com e sem necessidades educativas especiais no contexto escolar.

O artigo encontra-se estruturado da seguinte forma: a secção introdutória apresenta o contexto, o problema, a questão de pesquisa, a justificativa e a estrutura do texto; em seguida, o quadro teórico aborda os principais conceitos sobre inclusão escolar, necessidades

educativas especiais e percepções sociais no ambiente escolar; posteriormente, a metodologia descreve o tipo de pesquisa, os participantes e os procedimentos utilizados; na análise e discussão dos resultados, são apresentados os dados recolhidos e sua interpretação; por fim, as considerações finais sintetizam os principais achados e propõem recomendações para a promoção de uma cultura escolar mais inclusiva na cidade de Lichinga.

Quadro teórico

Com base no panorama da inclusão escolar, analisam-se as particularidades do contexto educativo, marcado pela diversidade estudantil e pelos desafios na convivência entre crianças com e sem necessidades educativas especiais. Serão abordadas teorias e pesquisas sobre inclusão e percepções sociais no ambiente escolar. Esta fundamentação teórica visa apoiar a análise empírica das atitudes dos alunos das escolas básicas da cidade de Lichinga, permitindo compreender como influenciam o processo de inclusão e a construção de um ambiente escolar inclusivo.

Perceções dos Colegas sobre a Inclusão de Alunos com Necessidades Especiais

A escola contemporânea deve promover a inclusão, garantindo que todos os alunos participem plenamente na vida escolar. Segundo Ainscow (2005), isso envolve atender à diversidade estudantil e eliminar barreiras à aprendizagem. A presença de alunos com Necessidades Educativas Especiais em turmas regulares representa tanto um desafio quanto uma oportunidade de aprendizagem para a comunidade escolar. O conceito de NEE surgiu no relatório Warnock (1978), que introduziu uma perspectiva mais ampla sobre as dificuldades de aprendizagem, defendendo que qualquer aluno pode necessitar de apoios adicionais em determinados momentos da sua vida escolar. Em Moçambique, a Lei nº 18/2018, no artigo 3, garante a inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) no Sistema Nacional de Educação, orientando-se pelos princípios de inclusão, equidade e igualdade de oportunidades. A lei assegura o direito à educação para todos, introduz a Educação Especial como componente do SNE e busca atender às necessidades individuais dos estudantes, maximizando suas potencialidades.

No que respeita às percepções dos colegas, diversos estudos (Rodrigues, 2006; Correia, 2013) destacam que a convivência diária com alunos com NEE pode fomentar atitudes de

solidariedade, empatia e respeito pela diferença, contribuindo para uma cultura de cidadania democrática. Contudo, alguns alunos revelam dúvidas ou resistências, sobretudo quando não se sentem preparados para interagir ou quando percebem que a participação do colega é limitada pelas barreiras físicas, sociais ou pedagógicas.

Atitudes e Reações dos Alunos Frente à Inclusão

As atitudes e reações dos alunos frente à inclusão variam conforme factores sociais, pedagógicos e emocionais, sendo influenciadas por práticas escolares e pela formação de valores desde a infância. Autores como Manuel e Vaz-Rebelo (2019) destacam que a inclusão depende não só de políticas, mas também da cultura escolar e das interações entre os alunos.

A inclusão escolar é um processo que visa garantir o direito à educação de todos os alunos, independentemente de suas condições físicas, cognitivas ou sociais. No entanto, a forma como os alunos reagem à presença de colegas com necessidades educativas especiais (NEE) pode variar significativamente, influenciando o sucesso das práticas inclusivas.

Segundo Manuel (2019), as atitudes dos alunos frente à inclusão são moldadas por suas experiências anteriores, pela cultura escolar e pelas práticas pedagógicas adotadas. O autor observa que quando a escola promove valores como respeito, empatia e cooperação, os alunos tendem a demonstrar maior abertura e aceitação dos colegas com NEE. Ele afirma: “A inclusão constitui-se numa filosofia de orientação da prática educativa que valoriza a atenção às capacidades, necessidades e particularidades individuais”.

Maria Vaz-Rebelo (2019) complementa essa visão ao destacar que a formação dos professores e o envolvimento da comunidade escolar são cruciais para criar ambientes inclusivos. Ela argumenta que os alunos percebem e reproduzem os comportamentos dos adultos, o que reforça a importância de práticas pedagógicas que incentivem a convivência e o respeito mútuo.

Além disso, estudos como os apresentados por autores da Universidade Lusófona indicam que atitudes positivas dos professores influenciam directamente as reações dos alunos. A motivação para a inclusão, segundo esses autores, “molda comportamentos e ações no que concerne à Pedagogia da Inclusão”, o que sugere que os alunos tendem a seguir o exemplo dos educadores quando estes demonstram compromisso com a inclusão.

As atitudes e reações dos alunos frente à inclusão variam entre aceitação, empatia e, por vezes, resistência à presença de colegas com necessidades educativas especiais. Estudos

moçambicanos, como os de Chongo (2015), indicam que a convivência diária favorece o desenvolvimento de solidariedade e respeito pela diversidade, mas barreiras sociais, emocionais e pedagógicas podem gerar dúvidas ou atitudes de exclusão. A forma como a escola organiza práticas inclusivas influencia diretamente essas percepções, destacando a importância de estratégias que promovam interação e participação equitativa.

Portanto, é possível concluir que as atitudes e reações dos alunos frente à inclusão não são estáticas, mas sim construídas socialmente. Elas podem ser transformadas por meio de intervenções pedagógicas, formação continuada dos professores e promoção de uma cultura escolar inclusiva.

Factores que Influenciam a Aceitação e Interação

A aceitação e interação entre alunos no contexto da inclusão escolar são influenciadas por factores afetivos, pedagógicos e sociais, conforme apontam autores brasileiros, moçambicanos e espanhóis. A formação docente, a cultura escolar e o envolvimento da comunidade são elementos-chave para promover relações positivas e inclusivas.

A inclusão escolar não se limita à presença física de alunos com necessidades educativas especiais (NEE) nas salas de aula regulares, mas envolve também a qualidade das interações e o grau de aceitação por parte dos colegas. Diversos factores influenciam esse processo, entre eles a afetividade, a formação dos professores, a cultura institucional e as práticas pedagógicas. Segundo Lima (2015), a aceitação do aluno com deficiência depende da forma como a escola organiza seus espaços e tempos, e da postura dos educadores frente à diversidade. A autora destaca que ambientes acolhedores e práticas pedagógicas inclusivas favorecem a interação entre os alunos, promovendo vínculos afetivos e respeito mútuo.

No contexto moçambicano, Manuel (2019) observa que a interação entre alunos é facilitada quando há uma cultura escolar que valoriza a diversidade. Ele afirma que “a inclusão não se limita à inserção física, mas exige mudanças nas atitudes e nas práticas dos atores escolares”, ressaltando a importância da formação contínua dos professores para lidar com os desafios da inclusão.

Já no cenário espanhol, García Pastor (2011) enfatiza que a empatia e o trabalho colaborativo são fundamentais para a aceitação dos alunos com Necessidades Educativas e Especiais (NEE). Em sua análise, o autor aponta que “a convivência escolar inclusiva depende da capacidade dos alunos de reconhecer o outro como sujeito de direitos e de valor”,

reforçando a necessidade de práticas que estimulem o diálogo e a cooperação. Além disso, estudos brasileiros como o de Silva e Oliveira (2024) destacam a afetividade como elemento central na construção de relações inclusivas. Os autores afirmam que “a afetividade é a ponte que liga o conhecimento à aceitação do outro”, indicando que vínculos emocionais positivos entre alunos e professores contribuem para uma convivência mais harmoniosa.

Portanto, a aceitação e interação no contexto da inclusão escolar são construídas a partir de múltiplos factores interligados. A formação docente, o clima escolar, a afetividade e as práticas pedagógicas são determinantes para que todos os alunos se sintam parte do processo educativo.

Fatores que Influenciam a Inclusão entre Alunos com e sem NEE

A inclusão escolar entre alunos com e sem Necessidades Educativas Especiais (NEE) depende de múltiplos factores que envolvem atitudes, políticas, práticas pedagógicas e relações interpessoais. A construção de ambientes inclusivos exige o reconhecimento das diferenças como potencial educativo e não como barreiras.

Segundo Mantoan (2003, p. 45), “a inclusão não é apenas uma questão de colocar alunos com deficiência na escola regular, mas de transformar a escola para que todos aprendam juntos e com qualidade”. Essa transformação requer mudanças estruturais e culturais, além de formação adequada dos profissionais da educação. Conforme, Valbom (2013, p. 22) destaca que “a inclusão escolar é influenciada por práticas de avaliação, identificação e intervenção que devem ser contínuas e colaborativas, envolvendo todos os atores da comunidade educativa”. A troca constante de informações e estratégias é essencial para atender às necessidades específicas dos alunos com NEE.

Além disso, autores como Vygotsky (2001) e Stainback; Stainback (1999) apontam que o desenvolvimento social e cognitivo ocorre por meio da interação, sendo a convivência entre alunos com diferentes perfis uma oportunidade de aprendizagem mútua e construção de empatia (Vygotsky, 2001; Stainback; Stainback, 1999).

A inclusão escolar vai além da presença física de alunos com deficiência na escola regular. Ela exige uma transformação profunda na cultura institucional, nas práticas pedagógicas e na formação dos profissionais. A inclusão deve ser pensada como um processo contínuo, que envolve avaliação, intervenção e colaboração entre todos os membros da comunidade educativa. A troca de experiências e estratégias entre professores, famílias e

especialistas é essencial para garantir que os alunos com NEE tenham acesso equitativo à aprendizagem. Essa abordagem amplia o conceito de qualidade educacional, tornando-o mais justo e democrático.

A convivência entre estudantes com diferentes perfis favorece a construção de vínculos, o respeito às diferenças e a empatia. Essa dinâmica promove não apenas o crescimento individual, mas também o fortalecimento de uma cultura escolar inclusiva. Ao aprenderem juntos, os alunos desenvolvem habilidades sociais e cognitivas que não seriam possíveis em ambientes segregados. Portanto, a inclusão é também uma oportunidade de enriquecimento mútuo, que beneficia todos os envolvidos no processo educativo.

O Papel da Cultura Escolar e das Práticas Pedagógicas na Promoção da Inclusão

A cultura escolar e as práticas pedagógicas são elementos centrais na promoção da inclusão. A cultura escolar engloba valores, normas, atitudes e expectativas que moldam o ambiente educativo. Quando essa cultura é inclusiva, ela favorece a aceitação das diferenças e a valorização da diversidade. De acordo com Aranha (2005, p. 67), “a escola precisa rever seus valores e práticas para que a inclusão não seja apenas uma política, mas uma cultura vivida no cotidiano escolar”. Isso implica repensar o currículo, a avaliação e a organização da sala de aula.

Práticas pedagógicas inclusivas exigem flexibilidade e colaboração, adaptando-se às necessidades individuais dos alunos. Ao respeitar ritmos e estilos de aprendizagem, o ensino torna-se mais justo e eficaz. A personalização promove equidade, permitindo que todos aprendam com dignidade. Essa abordagem valoriza a diversidade como força educativa. Assim, Pereira (2018, p. 34) afirmam que “as práticas pedagógicas inclusivas devem ser flexíveis, colaborativas e centradas no aluno, respeitando seus ritmos e estilos de aprendizagem”. A personalização do ensino é um caminho para garantir equidade.

A inclusão escolar exige mais do que políticas: requer líderes engajados e uma cultura institucional acolhedora. Quando a comunidade escolar compartilha valores inclusivos, cria-se um ambiente propício à participação de todos. Essa união fortalece práticas que respeitam a diversidade e promovem equidade. Autores como Ainscow (2005) e Mittler (2003) reforçam que a inclusão depende de uma liderança comprometida e de uma comunidade escolar que compartilhe valores inclusivos.

Influência dos Aspectos Socioemocionais na Construção de Relações Inclusivas

Os aspectos socio-emocionais desempenham papel fundamental na construção de relações inclusivas, pois envolvem empatia, respeito, cooperação e autorregulação emocional. A inclusão não se limita ao espaço físico, mas à qualidade das interações humanas.

Segundo Goleman (1995, p. 160), “a inteligência emocional é a capacidade de reconhecer nossos próprios sentimentos e os dos outros, de nos motivarmos e de gerir bem as emoções em nós e nos nossos relacionamentos”. Essa competência é essencial para promover ambientes acolhedores e respeitosos. A inteligência emocional é essencial para cultivar relações saudáveis e empáticas no ambiente escolar. Ao reconhecer e gerir emoções, educadores e alunos criam espaços mais acolhedores e inclusivos. Essa habilidade fortalece o respeito mútuo e a convivência democrática.

A inclusão escolar e a interculturalidade só se concretizam plenamente quando há disposição emocional para acolher o outro em sua singularidade. Essa abertura favorece a construção de vínculos afetivos entre os alunos, promovendo o sentimento de pertencimento e fortalecendo a convivência respeitosa. Ramos (2013, p. 49) afirma que “a interculturalidade e a inclusão só se efetivam quando há abertura emocional para o outro, para o diferente, para o novo”. A construção de vínculos afetivos entre alunos com e sem NEE favorece o sentimento de pertencimento.

Além disso, autores como Casassus (2009) e Costa & Gonçalves (2020) destacam que o desenvolvimento socio-emocional é um dos pilares da educação inclusiva, pois permite lidar com conflitos, superar preconceitos e fortalecer a convivência (Casassus, 2009; Costa & Gonçalves, 2020). Assim, o desenvolvimento socio-emocional é essencial para consolidar práticas inclusivas na educação, pois promove empatia, respeito e cooperação entre os alunos. Ao fortalecer essas competências, a escola torna-se um espaço mais preparado para lidar com conflitos e superar barreiras relacionais. Isso contribui diretamente para a construção de ambientes mais acolhedores e equitativos.

Metodologia de trabalho

Para realizar este estudo, foi adoptada uma metodologia qualitativa com o propósito de analisar as percepções dos colegas de turma sobre a inclusão de crianças com Necessidades

Educativas Especiais numa das Escolas da Cidade de Lichinga. Essa abordagem permitiu captar as experiências, opiniões e sentimentos dos participantes por meio de entrevistas, proporcionando uma compreensão mais profunda do fenómeno no contexto escolar. (Amado, 2017).

A colecta de dados ocorreu por meio de entrevistas com quatro alunos e quatro professores, totalizando oito participantes, buscando captar suas percepções a inclusão de crianças com Necessidades Educativas Especiais (Bogdan; Biklen, 1994). Para interpretar os dados, aplicou-se a técnica de análise de conteúdo, complementada pela triangulação de informações, visando uma compreensão mais ampla e profunda do tema, (Triviños, 1987).

Em conformidade com os princípios éticos da pesquisa, os nomes dos entrevistados foram anonimizados com a letra “A” seguida de um número (A1 a A4), para os alunos e “P”, também, seguida de um número (P1 a P2), para professores.

Resultados e Discussão

A análise e interpretação dos resultados foram estruturadas em duas categorias principais, nomeadamente: a) Percepções dos Colegas sobre a Presença e Participação de Alunos com Necessidades Educativas Especiais e, b) Factores que Influenciam a Aceitação, Convivência e Interação entre Alunos com e sem Necessidades Educativas Especiais.

Percepções dos Colegas sobre a Presença e Participação de Alunos com NEE

A primeira questão sobre como os colegas de turma costumam reagir à presença de alunos com (NEE, os professores entrevistados apontaram que as reações dos colegas de turma variam conforme o grau de sensibilização e o apoio pedagógico oferecido.

P1: “há alunos que demonstram curiosidade e vontade de ajudar, mas outros se afastam por falta de compreensão”.

P2: “A presença de alunos com NEE pode gerar inicialmente estranhamento, mas tende a melhorar com o tempo”;

P3 e P4: “O ambiente escolar e o exemplo dos adultos influenciam directamente essas reações”.

Os depoimentos revelam que, as percepções dos alunos sobre colegas com NEE variam conforme o nível de compreensão, convivência e ambiente escolar, sendo influenciadas pela cultura institucional e pelo exemplo dos adultos. Rodrigues (2006) & Correia (2013),

destacam que a convivência diária com alunos com NEE pode fomentar atitudes de solidariedade, empatia e respeito pela diferença, contribuindo para uma cultura de cidadania democrática.

A segunda questão colocada aos professores sobre Quais atitudes e comportamentos observam nos alunos em relação à inclusão de colegas com NEE, os resultados revelam que atitudes positivas como solidariedade, ajuda espontânea e respeito são comuns, especialmente quando há orientação dos professores.

P1, P3 “os alunos são receptivos quando entendem as necessidades dos colegas”.

P2: “Há episódios de exclusão ou brincadeiras inadequadas, geralmente motivadas por desconhecimento”.

P4: “O comportamento dos alunos melhora quando a inclusão é abordada de forma contínua no currículo.

Os depoimentos indicam que a compreensão das necessidades dos colegas com NEE favorece atitudes receptivas entre os alunos. A falta de informação pode gerar exclusão ou comportamentos inadequados. A inclusão torna-se mais eficaz quando trabalhada de forma contínua no currículo escolar. Segundo Manuel (2019), as atitudes dos alunos frente à inclusão são moldadas por suas experiências anteriores, pela cultura escolar e pelas práticas pedagógicas adoptadas.

Sobre que factores facilitam ou dificultam a aceitação e a interação entre alunos com e sem NEE, os professores responderam nos seguintes termos:

P1 “A aceitação depende muito da forma como o professor conduz a convivência”.

P2 e P3: “O preconceito e a falta de informação são barreiras significativas”.

P4: “O envolvimento da comunidade escolar é essencial para promover interações mais naturais e respeitadas”.

Os resultados revelam que a aceitação de alunos com NEE está directamente ligada à mediação do professor e ao ambiente escolar. Barreiras como preconceito e desinformação dificultam a convivência inclusiva. O apoio da comunidade escolar é fundamental para fortalecer relações respeitadas e promover a inclusão. Segundo Lima (2015), a aceitação do aluno com deficiência depende da forma como a escola organiza seus espaços e tempos, e da postura dos educadores frente à diversidade. A autora destaca que ambientes acolhedores e práticas pedagógicas inclusivas favorecem a interação entre os alunos, promovendo vínculos afetivos e respeito mútuo.

Relativamente à questão quatro, que aborda as estratégias ou condições que têm contribuído para uma inclusão mais efetiva entre alunos com e sem NEE, os resultados obtidos revelam que:

P2: “trabalhos em grupo e rodas de conversa ajudam a quebrar barreiras”.

P1 e P3: “destacaram o papel das adaptações curriculares e da mediação pedagógica”.

P4 acrescentou que “o apoio de profissionais especializados, como psicólogos e técnicos de educação especial, contribui para uma inclusão mais efetiva”.

Todos os professores citaram a importância de atividades colaborativas, projectos integradores e momentos de diálogo. Assim, os depoimentos revelaram que a inclusão de alunos com NEE é fortalecida por estratégias colaborativas que promovem empatia e interação. Adaptações curriculares e mediação pedagógica são essenciais para atender às suas necessidades. O apoio de profissionais especializados contribui com suporte técnico e emocional no processo inclusivo. Conforme, Valbom (2013, p. 22) destaca que “a inclusão escolar é influenciada por práticas de avaliação, identificação e intervenção que devem ser contínuas e colaborativas, envolvendo todos os atores da comunidade educativa”.

Em relação a cultura escolar e as práticas pedagógicas adoptadas que influenciam a promoção da inclusão, os professores responderam nos seguintes termos:

P1 e P3: afirmou que “uma escola que valoriza a diversidade tende a ser mais inclusiva”.

P2: “Práticas pedagógicas centradas no aluno, como metodologias ativas e ensino por projectos, favorecem a inclusão”.

P4: “A formação contínua dos docentes e o envolvimento da gestão escolar são fundamentais para consolidar uma cultura inclusiva”.

Os depoimentos destacam que a valorização da diversidade é essencial para promover a inclusão escolar. Práticas pedagógicas centradas no aluno, como metodologias ativas, fortalecem esse processo. Além disso, a formação docente e o apoio da gestão escolar são pilares para consolidar uma cultura inclusiva. Pereira (2018, p. 34) afirmam que “as práticas pedagógicas inclusivas devem ser flexíveis, colaborativas e centradas no aluno, respeitando seus ritmos e estilos de aprendizagem”. A personalização do ensino é um caminho para garantir equidade.

A sexta questão pretendia saber sobre de que forma os aspectos socio-emocionais dos alunos impactam a construção de relações inclusivas na sala de aula, os professores

concordaram que o desenvolvimento socio-emocional é essencial para promover relações saudáveis entre os alunos.

P3: “A empatia e o respeito são construídos com o tempo e precisam ser estimulados”.

P2: “Alunos emocionalmente equilibrados tendem a ser mais receptivos à inclusão”.

P1-P4: “O apoio emocional aos alunos com NEE também favorece sua integração e autoestima”.

A análise dos depoimentos evidencia que os aspectos socioemocionais são fundamentais para a construção de relações inclusivas. A empatia e o respeito não surgem espontaneamente, mas devem ser cultivados ao longo do tempo. Além disso, o equilíbrio emocional dos alunos e o apoio afetivo aos colegas com NEE contribuem significativamente para sua aceitação, integração e desenvolvimento da autoestima. Ramos (2013, p. 49) afirma que “a interculturalidade e a inclusão só se efetivam quando há abertura emocional para o outro, para o diferente, para o novo”. A construção de vínculos afetivos entre alunos com e sem NEE favorece o sentimento de pertencimento.

A primeira questão pretendia saber sobre, O que os alunos pensam sobre ter colegas com Necessidades Educativas Especiais na sua turma? Os resultados destacaram que:

A1: “considera positivo, pois todos devem ter oportunidade de aprender juntos”.

A2: “Sente que é importante ajudar e respeitar, mas reconhece que nem todos pensam assim”.

A3: “Vê como algo normal, desde que haja apoio dos professores”.

A4: “Acredita que a convivência é boa, mas exige paciência e compreensão”.

Os resultados demonstram que, os alunos demonstram abertura à inclusão, valorizando o respeito e a convivência. A aceitação está ligada ao apoio pedagógico e à sensibilização da turma. Rodrigues (2006) & Correia (2013), destacam que a convivência diária com alunos com NEE pode fomentar atitudes de solidariedade, empatia e respeito pela diferença, contribuindo para uma cultura de cidadania democrática.

A segunda questão sobre: Como você e seus colegas costumam agir quando há um aluno com NEE na sala? Foram obtidos seguintes depoimentos:

A1: Relata que “alguns colegas ajudam, enquanto outros ignoram.”

A2: afirma que “costuma incluir e conversar com o colega com NEE”.

A3: observa que “a turma reage melhor quando o professor orienta”.

A4: diz que “há boa convivência, mas às vezes falta paciência”.

Os depoimentos revelam que, as atitudes variam entre apoio e indiferença, dependendo da orientação dos adultos e da empatia dos colegas. A mediação docente é essencial para promover comportamentos inclusivos. Segundo Manuel (2019), as atitudes dos alunos frente à inclusão são moldadas por suas experiências anteriores, pela cultura escolar e pelas práticas pedagógicas adoptadas.

A terceira questão sobre, o que ajuda ou atrapalha na amizade e convivência com colegas que têm NEE? Os resultados mostraram que:

A1 aponta que o “diálogo e o conhecimento sobre as dificuldades ajudam”.

A2 diz que “o preconceito e a falta de informação atrapalham”.

A3 destaca que Atividades em grupo favorecem a aproximação.

A4 menciona que “a exclusão ocorre quando não há explicações claras”.

Os resultados revelam que, a convivência é facilitada por informação, empatia e atividades colaborativas. Barreiras como preconceito e desconhecimento ainda dificultam a construção de amizades. Para Lima (2015), a aceitação do aluno com deficiência depende da forma como a escola organiza seus espaços e tempos, e da postura dos educadores frente à diversidade. A autora destaca que ambientes acolhedores e práticas pedagógicas inclusivas favorecem a interação entre os alunos, promovendo vínculos afetivos e respeito mútuo.

A quarta questão pretendia saber, o aluno acha fácil ou difícil incluir colegas com NEE nas atividades da turma? Por quê? E os depoimentos foram seguintes:

A1: Considera “fácil quando há apoio dos professores”.

A2: Acha “difícil em atividades físicas, mas possível com adaptações”.

A3: Afirma que “depende da atividade e da disposição dos colegas”.

A4: Vê como “um desafio, mas acredita que todos podem participar”.

Os resultados colhidos, demonstram que a inclusão é vista como possível, mas exige adaptações e apoio docente. A natureza da atividade e a atitude dos colegas influenciam diretamente o processo. Conforme, Valbom (2013, p. 22) destaca que “a inclusão escolar é influenciada por práticas de avaliação, identificação e intervenção que devem ser contínuas e colaborativas, envolvendo todos os atores da comunidade educativa”.

Em relação a quinta questão procurava saber se, a escola faz algo que ajuda todos os alunos a se sentirem incluídos dando exemplos concretos, os resultados revelaram que:

A1: cita “palestras e campanhas de sensibilização”.

A2: menciona “projectos de integração e rodas de conversa”.

A3: destaca “o apoio dos professores e a atenção individualizada”.

A4: reconhece que “há esforço, mas que poderia haver mais atividades”.

Os resultados colhidos da entrevista, mostram que os alunos percebem ações da escola voltadas à inclusão, como campanhas e projectos. No entanto, ainda apontam a necessidade de ampliar essas iniciativas para alcançar todos. Pereira (2018, p. 34) afirmam que “as práticas pedagógicas inclusivas devem ser flexíveis, colaborativas e centradas no aluno, respeitando seus ritmos e estilos de aprendizagem”. A personalização do ensino é um caminho para garantir equidade.

A sexta questão, sobre como os sentimentos e atitudes dos alunos influenciam a amizade e o respeito entre todos na escola, teve os seguintes resultados:

A1 acredita que “sentimentos positivos aproximam os colegas”.

A2 diz que “atitudes de respeito geram confiança e amizade”.

A3 observa que “o medo ou preconceito afasta os alunos com NEE”.

A4 reforça que “a empatia é essencial para o respeito mútuo”.

Os aspectos socioemocionais são reconhecidos como fundamentais para relações inclusivas. Emoções como empatia e respeito fortalecem vínculos, enquanto o preconceito gera afastamento. (Rodrigues, 2006; Correia, 2013) destacam que a convivência diária com alunos com NEE pode fomentar atitudes de solidariedade, empatia e respeito pela diferença, contribuindo para uma cultura de cidadania democrática.

Os resultados revelam que os colegas demonstram atitudes mistas, variando entre empatia, curiosidade e afastamento. A aceitação tende a crescer com o tempo e com orientação adequada. O ambiente escolar e o exemplo dos adultos influenciam directamente essas percepções. A convivência é facilitada por estratégias pedagógicas inclusivas, sensibilização da turma e apoio emocional. Barreiras como preconceito e falta de informação ainda dificultam a interação. O envolvimento da comunidade escolar e a formação docente são essenciais para promover relações respeitadas.

Conclusões

A pesquisa revelou que as percepções dos colegas de turma sobre a inclusão escolar de crianças com Necessidades Educativas Especiais nas escolas básicas da cidade de Lichinga são influenciadas por factores como o desconhecimento, a falta de sensibilização e o apoio pedagógico limitado. Também se identificaram atitudes de exclusão e dificuldades de interação, agravadas pela ausência de práticas inclusivas consistentes e pela escassa formação

dos docentes sobre educação especial. Esses elementos contribuem para um ambiente escolar que ainda enfrenta desafios na promoção da inclusão plena.

Deste modo, o estudo conclui que a inclusão escolar de crianças com NEE depende fortemente da construção de uma cultura de respeito, empatia e valorização da diversidade. A presença de práticas pedagógicas centradas no aluno, o envolvimento da comunidade escolar e o apoio emocional são fundamentais para melhorar a convivência e participação desses alunos. A investigação reforça a necessidade de políticas educativas que promovam formação contínua, recursos adequados e estratégias de sensibilização para garantir uma escola mais justa e inclusiva.

Referências

AINSCOW, Mel. **Desenvolvendo escolas inclusivas: implicações para a liderança**. Londres: Routledge, 2005.

AMADO, Luís Miguel Gomes. **Estudo qualitativo sobre estresse ocupacional em professores**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017.

ARANHA, Maria da Salette Fávero. **Educação inclusiva: o desafio da escola contemporânea**. São Paulo: Cortez, 2005.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos** (3ª ed.). Porto Editora. 1994.

CASASSUS, Juan. **A qualidade da educação: dimensões e critérios**. Brasília: UNESCO, 2009.

CHONGO, Fernando Rafael. **Autoavaliação institucional e desempenho pedagógico dos docentes no ensino superior em Moçambique: estudo de caso**. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Pedagógica, Maputo, Moçambique, 2019.

COSTA, Ana; GONÇALVES, Maria. **Mobilidade académica e desenvolvimento pessoal**. Coimbra: Almedina, 2020.

GARCÍA PASTOR, María Dolores. **A inclusão educativa: um olhar a partir da convivência escolar**. *Revista Eletrônica Interuniversitária de Formação de Professores*, Zaragoza, v. 14, n. 1, p. 93–102, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2170/217019937008.pdf>. Acesso em: 15 out. 2025.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

LIMA, Jovelina Vieira. **Escolarização e factores que contribuem para inclusão escolar: um estudo de caso**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/15779/1/2015_JovelinaVieiraLimaNeta_tcc.pdf. Acesso em: 15 out. 2025.

ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES DOS COLEGAS DE TURMA SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS NAS ESCOLAS BÁSICAS DA CIDADE DE LICHINGA

Arminda Augusta António • Leonete Guilhermina Ferrão Fernandes • Momade Raúl Suquia • Agostinho Rosário Teimoso

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2003.

MANUEL, Edú Rafael Domingos. **Atitudes face à inclusão de alunos com necessidades educativas especiais, práticas inclusivas e percepção da autoeficácia dos professores: um estudo na Escola do Ensino Básico dos Pioneiros – Beira, Moçambique**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Coimbra, Coimbra. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/87473> . Acesso em: 15 out. 2025.

MITTLER, Peter. **Educação inclusiva: contextos e desafios**. London: David Fulton Publishers, 2003.

PEREIRA, Maria Cristina; SILVA, Ana; GOMES, Rita. **Educação inclusiva: contextos e desafios**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

RAMOS, Maria. **Educação intercultural e práticas inclusivas**. Lisboa: Edições Afrontamento, 2013.

SILVA, Ana Paula; OLIVEIRA, Marcos Vinícius. **A afetividade e sua contribuição para a inclusão escolar**. In: CONEDU – Congresso Nacional de Educação, João Pessoa, 2024. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2024/TRABALHO_COMPLETO_EV200_MD1_ID14333_TB4668_30092024133621. pdf. . Acesso em: 15 out. 2025.

STAINBACK, William; STAINBACK, Susan. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

TRIVIÑOS, Antônio Nóvoa Santos. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VALBOM, Luísa. **Inclusão escolar: práticas e desafios**. Lisboa: Universidade Aberta, 2013.

VAZ-REBELO, Maria. **Concepções e práticas de educação inclusiva: barreiras e áreas de melhoria**. 2019. Universidade de Coimbra. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/87473> . Acesso em: 15 out. 2025.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SOBRE O/AS AUTOR/AS

Arminda Augusta António. Mestranda em Psicologia Educacional pela Universidade Pedagógica de Maputo. Docente do Instituto Superior de Desenvolvimento Rural e Biociências da Universidade Rovuma. Membro do NUPECE- Núcleo de Pesquisa e Contextualização em Ensino. Contribuição de autoria: escrita.

Leonete Guilhermina Ferrão Fernandes. Mestranda em Psicologia Educacional pela Universidade Pedagógica de Maputo, Docente do Instituto Superior de Desenvolvimento Rural e Biociências da Universidade Rovuma; Membro do NUPECE- Núcleo de Pesquisa e Contextualização em Ensino. Contribuição de autoria: escrita.



ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES DOS COLEGAS DE TURMA SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS NAS ESCOLAS BÁSICAS DA CIDADE DE LICHINGA

Arminda Augusta António • Leonete Guilhermina Ferrão Fernandes • Momade Raúl Suquia • Agostinho Rosário Teimoso

Momade Raúl Suquia. Mestre em Avaliação Educacional pela Universidade Rovuma-Instituto Superior de Desenvolvimento Rural e Biociências. Membro Núcleo de Pesquisa em Educação e Contextualização no Ensino no Instituto Superior de Desenvolvimento Rural e Biociências. Contribuição de Autoria: escrita. <http://lattes.cnpq.br/8643445068075006>

Agostinho Rosário Teimoso. Mestre em Avaliação Educacional, Universidade Rovuma-Instituto Superior de Desenvolvimento Rural e Biociências. Pesquisador do Núcleo de Pesquisa de Educação e Contextualização no Ensino (NUPECE). Contribuição de autor: análise e escrita do artigo - <http://lattes.cnpq.br/4303576334888468>

Como citar este artigo

ANTÓNIO, Arminda Augusta; FERNANDES, Leonete Guilhermina Ferrão; SUQUIA, Momade Raúl; TEIMOSO, Agostinho Rosário. Análise das percepções dos colegas de turma sobre a inclusão escolar de crianças com necessidades educativas especiais nas escolas básicas da cidade de Lichinga. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 4 n. 4, 2025. DOI: 10.22481/redupa.v4i04.18218.

